

JB
12/4/99
115

Amazônia Devastada

A devastação da Amazônia esteve em foco esta semana. O Ibama identificou os dez maiores devastadores da floresta. Em um ano eles destruíram e queimaram uma área equivalente a 32 mil 700 campos de futebol, 270 quilômetros quadrados, para semear capim e criar gado. No mesmo ano, a mata perdeu superfície igual à metade de Alagoas. A devastação é constantemente monitorada por satélites. O Ibama calcula que nos últimos 30 anos a floresta amazônica perdeu para o boi o equivalente ao território de Minas Gerais.

Mas não é só isso. O instituto de pesquisas americano *Woods Hole* sustenta que a devastação é maior que a revelada pelos satélites do Ibama. Em artigo na revista *Nature*, o instituto estima que cerca de 15 mil quilômetros quadrados de mata são destruídos todos os anos pela extração de madeira. Os americanos advertem que os satélites não registram grandes áreas de floresta nas quais a vegetação rasteira foi destruída para facilitar o acesso dos madeireiros e o incêndio para dar lugar ao capim. A floresta capinada é condenada à morte, embora a copa ainda verde das árvores não permita avaliar a tragédia inevitável.

O *Woods Hole* que usa aviões voando baixo para mapear o desmatamento, já rastreou 1,3 milhão de quilômetros quadrados e concluiu que pequenos desmatamentos, causados pela ação dos chamados “formigas” – peões que entram na floresta com moto-serras não licenciadas em busca de madeiras nobres – são praticamente invisíveis para os satélites.

Entre os fazendeiros que estendem o pasto para criar boi (uma única rês ocupa 10 mil metros quadrados de terra); os madeireiros; os “formigas” e até alguns índios, que passaram a comercializar o mogno de suas terras, a natureza da Amazônia começa a dar os primeiros sinais de estresse e desequilíbrio de seu riquíssimo ecossistema.

O quadro atual nasceu de visão errada, filha do “milagre brasileiro”, quando optou-se por uma política de colonização e ocupação atendendo à visão de segurança nacional do regime militar. Foi a época da Transamazônica, das agrovilas e assentamentos rurais para onde migraram levas de nordestinos e até gaúchos em busca de uma nova fronteira. Era a época do projeto “Calha Norte”, do garimpo de

Serra Pelada e dos projetos mirabolantes de Daniel Ludwig, bilionário americano – o homem mais rico de seu tempo – que a floresta transformou em simples milionário.

Falta ao Brasil diretriz política sobre o que fazer com a Amazônia. O Brasil é depositário do mais rico e diversificado banco de espécies vivas da Terra. Grandes laboratórios farmacêuticos de países ricos se interessam cada vez mais pela biodiversidade da região, colhem amostras, estudam e não raro patenteiam princípios ativos e até códigos genéticos inteiros que poderão, eventualmente, render bilhões de dólares transformados em medicamentos, lubrificantes, alimentos ou cosméticos.

Essa imensa riqueza é dilapidada quando se queima a mata e não se procura entender seriamente a sua constituição e dinâmica. Hoje, a ciência brasileira deveria dedicar uma parte considerável de seus esforços ao conhecimento e compreensão do enigma vital que é a floresta amazônica. Por essa omissão, vamos acabar pagando pesados *royalties* para usar o que cresce em solo brasileiro. Quem tem recursos e não os estuda ou explora, sujeita-se a perdê-los.

A questão amazônica é tão complexa e estratégica que contempla até a criação de um ministério ou de uma secretaria, ligada à presidência. O problema da droga deverá ser mais controlável com a entrada em funcionamento do Sivam. É necessário proteger as fronteiras, principalmente em zonas conflagradas como a Colômbia. Devemos buscar formas de ocupação e exploração que não esgotem o patrimônio natural, mas favoreçam a sua renovação e perpetuação, sem contaminar o meio ambiente.

Será necessário estudar e desenvolver intensamente as potencialidades científicas da flora e da fauna locais, desenvolver o turismo ecológico, núcleos extrativistas, proteger os índios, extrair minérios sem agredir os rios, já que a água doce será um bem precioso e raro no século 21 e levar assistência aos milhares de caboclos ribeirinhos que vivem em condições precárias.

Só isso é tarefa para uma geração. A recompensa pode ser uma região rica e próspera, beneficiando todo o Brasil e o resto do Mundo, ou um deserto calcinado e estéril. É só escolher.